

# A BIORREGIÃO URBANA

## PEQUENO TRATADO SOBRE O TERRITÓRIO, BEM COMUM



Está em curso o maior êxodo da história da humanidade: por um lado em direção ao hiper-espço telemático, sujeito ao domínio das redes globais; por outro lado, em direção às megacidades ou mega-regiões de dezenas de milhões de habitantes do Sul e do Leste do mundo.

# ALBERTO MAGNAGHI

<b>PREFÁCIO</b>	<b>9</b>
<b>REDESENHAR O TERRITÓRIO</b>	
<b>ROSA ALICE BRANCO</b>	
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>1. O TERRITÓRIO, BEM COMUM</b>	<b>17</b>
<b>1.1. TERRITÓRIO</b>	<b>17</b>
<b>1.2. TERRITÓRIO, BEM COMUM</b>	<b>23</b>
<b>1.3. DA CONSERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS AO PROJETO DE TERRITÓRIO, BEM COMUM</b>	<b>27</b>
<b>2. A URBANIZAÇÃO DO PLANETA: UM ÊXODO SEM TERRA PROMETIDA</b>	<b>33</b>
<b>2.1. O PROCESSO CONTÍNUO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO</b>	<b>33</b>
<b>2.2. O GRANDE ÊXODO: A URBANIZAÇÃO PLANETÁRIA, UMA TRANSFORMAÇÃO ANTROPOLÓGICA ECOCATASTRÓFICA PARA A ESPÉCIE HUMANA</b>	<b>49</b>
<b>3. O CONTRA ÊXODO OU O REGRESSO AO TERRITÓRIO BEM COMUM</b>	<b>61</b>
<b>3.1. O REGRESSO AO TERRITÓRIO</b>	<b>61</b>
<b>3.2. AS DECLINAÇÕES DO REGRESSO AO TERRITÓRIO</b>	<b>66</b>
<b>3.3. “CONSCIÊNCIA DE LUGAR” E AUTOGOVERNO DO TERRITÓRIO</b>	<b>70</b>

- 80            **3.4. USOS CÍVICOS E NOVAS FORMAS DE GOVERNO DO TERRITÓRIO BEM COMUM**
- 85            **4. A BIORREGIÃO URBANA: UM TERRITÓRIO DE ACOLHIMENTO PARA O CONTRA ÊXODO**
- 85            **4.1. A BIORREGIÃO, INSTRUMENTO INTERPRETATIVO E PROJETUAL PARA O REGRESSO À TERRA**
- 89            **4.2. UMA DEFINIÇÃO TERRITORIALISTA DA BIORREGIÃO URBANA**
- 101           **5. O PROJETO DA BIORREGIÃO URBANA: UM GLOSSÁRIO DOS SEUS “ELEMENTOS CONSTRUTIVOS” E DAS SUAS REGRAS DE TRANSFORMAÇÃO**
- 103           **5.1. AS CULTURAS E OS SABERES DO TERRITÓRIO E DA PAISAGEM, “ALICERCES” COGNITIVOS DA BIORREGIÃO**
- 123           **5.2. AS ESTRUTURAS AMBIENTAIS, “ALICERCES” MATERIAIS DOS ASSENTAMENTOS HUMANOS**
- 132           **5.3. AS CENTRALIDADES URBANAS E OS SEUS SISTEMAS POLICÊNTRICOS DE IMPLANTAÇÃO**
- 147           **5.4. OS SISTEMAS PRODUTIVOS LOCAIS QUE VALORIZAM O PATRIMÓNIO DA BIORREGIÃO**
- 151           **5.5. OS RECURSOS ENERGÉTICOS LOCAIS PARA A AUTORREPRODUTIBILIDADE DA BIORREGIÃO**

<b>5.6. AS ESTRUTURAS AGROFLORESTAIS E OS SEUS VALORES MULTIFUNCIONAIS PARA OS NOVOS PACTOS CIDADE- -CAMPO</b>	<b>154</b>
<b>5.7. AUTOGOVERNO E PRODUÇÃO SOCIAL DO TERRITÓRIO PARA UM FEDERALISMO PARTICIPATIVO</b>	<b>172</b>
<b>6. A AUTOSSUSTENTABILIDADE DA BIORREGIÃO: RUMO À RECOMPOSIÇÃO DOS SABERES DO TERRITÓRIO</b>	<b>181</b>
<b>6.1. PARTILHA E AUTODETERMINAÇÃO</b>	<b>181</b>
<b>6.2. A PRODUÇÃO SOCIAL DA PAISAGEM</b>	<b>182</b>
<b>6.3. REINTEGRAR OS SABERES PARA UMA CIÊNCIA DO TERRITÓRIO</b>	<b>185</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>202</b>
<b>ALBERTO MAGNAGHI BIOGRAFIA</b>	<b>209</b>

Os dilemas socioambientais que enfrentamos todos os dias determinam a emergência de atividades que tentem redesenhar as relações entre os assentamentos urbanos e o ambiente.

Acreditamos que faz sentido um questionamento sobre como pensar o território e as questões que o têm vindo a degradar, como o desprezo pela dimensão antropológica dos lugares e a progressiva desproporção entre poderes globais e as decisões locais. É a partir do local que é possível introduzir uma economia sustentável preocupada, entre outros fatores, com o território patrimonial e a produção social; que é possível a adoção de políticas participativas propulsoras de ação, a dinamização de equilíbrios de ordem energética e ecológica, a criação de espaços agroflorestais enquanto promotores de reciprocidade entre o urbano e o rural, a implementação do policentrismo nas cidades.

O conceito de “biorregião urbana”, desenvolvido por Alberto Magnaghi, constitui-se, pois, como um processo de redesenhar o território. Maghaghi esclarece que o “território” nunca apresenta um cariz meramente espacial, mas se constitui como um conjunto de relações, fruto de complexas ações comuns, da interação entre os assentamentos humanos e a natureza, no decurso do tempo. Assim, o território detém as características que Marc Augé confere aos lugares (por contraponto com os não-lugares): são dotados de identidade, relação e história.

Esta realidade tem vindo a ser degradada por vários fatores, como a dominante migracional para as megacidades – consequência desta mesma migração –, facto que originou desequilíbrios ecossistémicos que Maghaghi considera catastróficos. De facto, a desertificação é uma das consequências mais imediatamente visíveis.

Acreditando que o território envolve todas as variáveis da nossa vivência, desde a escala individual à coletiva, como redesenhar um território propício à ação participada e à deambulação? Como pensar a comunicação interterritorial de modo sustentável?

O pensamento de Maghaghi vai beber a várias fontes, não só territorialistas, no sentido estrito, como Giacomo Becattini, em que o foco é a consciência dos lugares. A partir do momento em que o território da biorregião é considerado um organismo visto de alta complexidade, Magnaghi recorre ao conceito tão produtivo de autopoiesis de Maturana e Varela, em que a biorregião é pensada como um organismo vivo capaz de autorregulação.

Igualmente pertinente é o recurso ao conceito de “gradiente de vida” na Arquitetura, no território e na cidade viva, em Christopher Alexander, cujo êxito vivencial e temporal advém da gestão das forças em sinergia, evitando o conflito entre estas.

Maghaghi bebe também na Ecosofia de Félix Guattari, que intenta ser uma renovação eficaz da vertente ecológica, tanto dos modos de conceber o ser humano, como a sociedade e o meio ambiente.

Para o efeito, redesenhar o território é sobretudo repensar as questões prejudiciais à auto-sustentabilidade, como as questões de ordem climática, de desterritorialização e de falência da democracia (não participativa), falência esta que nega a qualidade de bem comum ao território. Como contrapartida, trata-se de implementar a gestão e as atividades que se seguem à desterritorialização. Em primeiro — tendo sempre consciência de que o território deverá ser um bem comum — dotar de identidade os territórios abstratizados, promover o contraêxodo, dando lugar a uma estreita relação entre a natureza e a cultura, em que a cultura é pensada a partir da natureza.

Para tudo isto é necessário um poder decisório local lúcido, que promova o espírito de inovação e de cooperação nos cidadãos, para que estes possam desenvolver o território de forma participativa, olhando o futuro sem esquecer a dimensão patrimonial do lugar.

**Questionar o território no sentido de uma biorregião é, então, tentar apurar as ideias desajustadas, contrapondo-as aos projetos que, desenvolvendo o seu redesenho, promovem o reencontro com o solo fértil das nossas vidas.**

Este texto não adopta o pretenso "Acordo Ortográfico" de 1990, uma vez que este, além de inconstitucional, é estruturalmente incongruente.

03



04





nando com aterros e favelas/bairros de lata;

- os espaços rurais urbanizados e as paisagens da agroindústria: plataformas desoladoras da monocultura em grande escala;

- os espaços de abandono: as verdadeiras derrotas que representam as fábricas abandonadas, as zonas periféricas que se assumem como sede da degradação urbana, os bosques invadidos por javalis, os sistemas de colinas em socacos arruinados pelos desastres ecológicos.

Este processo acontece sob circunstâncias contemporâneas deveras dramáticas já que, como afirma Wolfgang Sachs (2010), até a um dado momento da história havia abundância de recursos. Embora o germe destruidor estivesse já presente, só se deu conta dele quando os recursos chegaram ao seu “limite”<sup>29</sup>. A título de exemplo, recorde-se o que afirmou Friedrich Hirsch no seu estudo sobre os bens relacionais (Hirsch 1981): quando todos tiverem satisfeito o seu desejo de ter uma casa no bosque, o bem relacional que tiverem tentado obter (o bosque) já não existirá.

A este processo de “emancipação” do território acresce a concretização do processo de urbanização do mundo através dos êxodos de âmbito planetário, sem qualquer precedente na história.

Claro que o êxodo faz parte da história da humanidade, mas nele se presume também a esperança na *terra prometida*, “um país onde corra o rio e o mel”.

Nos tempos modernos, *o primeiro grande êxodo* do campo deu-se com a evasão ao sistema de servidão feudal rumo à “cidade-Estado” e ao seu campo envolvente. “O ar da cidade dá-nos liberdade”: na cidade, o capitalismo comercial abre o caminho à circulação de pessoas e

corresponde à “descrição fundacional” da Região da Ligúria.

28. Um “geomatemático” designado para construir uma casa vivia um ano sobre a colina que lhe havia sido indicada para recolher os odores, os fungos e bolores, os ventos, as estações; estudava a vegetação, os animais, as estrelas; vivia numa tenda, montada no território. No final, dizia a quem o contratara: “é aqui que vamos construir”. Com que saberes “cósmicos” construímos nós hoje as nossas periferias? “As instalações humanas do passado eram construídas, ou pelo menos era feito um esforço nesse sentido, em harmonia com as leis naturais e divinas, à imagem do cosmos e das suas regras. Nos nossos dias, as urbanizações são funções das regras estatísticas aplicadas aos fluxos de mercadorias, aos preços dos terrenos, e têm em conta poucas variáveis de igual importância ‘cósmica’” (Marson 2008, p. 16).

bens, o estatuto da cidade é redigido por associações de artes e ofícios e bairros de comerciantes. A cidade-campo redefine-se sob todas as formas de comércio livre. Em Siena, a porta da cidade está mesmo no centro do fresco do Bom governo de Ambrogio Lorenzetti, assumindo-se como um lugar de osmose entre a cidade e um campo regido pelo estatuto de cidade. A saúde do campo é o primeiro sinal de saúde da cidade.

O *segundo grande êxodo* corresponde, para todos os exegetas da modernidade, à civilização das máquinas, que começa com a vedação dos terrenos *comuns* em Inglaterra, resultando na maior invenção da modernidade, o salário industrial e a sua exploração. Mas olhando para além da questão da condição operária, a terra prometida materializa-se então sob a forma do trabalho e do salário assegurado contra a incerteza das colheitas, a libertação da fadiga, o gozo dos serviços urbanos, o dinheiro como gerador de felicidade. Uma vez mais, “o ar da cidade dá-nos liberdade”. Este êxodo, posto em prática em inúmeros casos *manu militari*, em outros casos através da mobilização de exércitos de reserva do mercado de trabalho com o atrativo de um salário para além das fronteiras nacionais na cidade-fábrica fordista, manifesta-se através de um grande movimento a partir do Sul e em direção ao Norte do planeta. A produção industrial, o trabalho, o capital, os recursos energéticos concentraram-se neste “primeiro mundo”. A utopia da civilização das máquinas fez-se acompanhar pela utopia da fábrica verde e da agroindústria, que transforma o campo pela mecanização das relações de produção da sociedade capitalista. O êxodo em direção à cidade-fábrica é grandioso. Na Europa, em finais do século XIX, 80% da população vivia no campo ou em cidades pequenas ou de tamanho médio com serviços ligados ao tecido agrícola. Não restaram mais do que 4 a 10% dos agricultores, principalmente empregados, em resultado deste êxodo que se concretizou sob o signo das leis do

29. O raciocínio de Sachs é naturalmente válido a nível global, planetário. A história abunda em exemplos de ecocatástrofes ambientais locais provocadas pela exploração excessiva dos recursos.

30. As megaregiões ultrapassam as megacidades em população e em oportunidades económicas, associando mercados importantes, um nível de emprego qualificado e inovação, e reunindo várias cidades na órbita global da região. Exemplo: no Japão, a região Tóquio-Nagoia-Quito-Cobe com uma população muito perto dos 60 milhões de habitantes.

Os *urban corridors*, onde centros urbanos, centros de tamanho variado, se encontram conectados ao longo de eixos de circulação com tendências de orientação linear, estando frequentemente ligados a um certo número de megalópoles que englobam as suas *hinterlândias*. Em certos domínios de franjas, os novos desenvolvimentos conhecem as mais rápidas taxas de



06

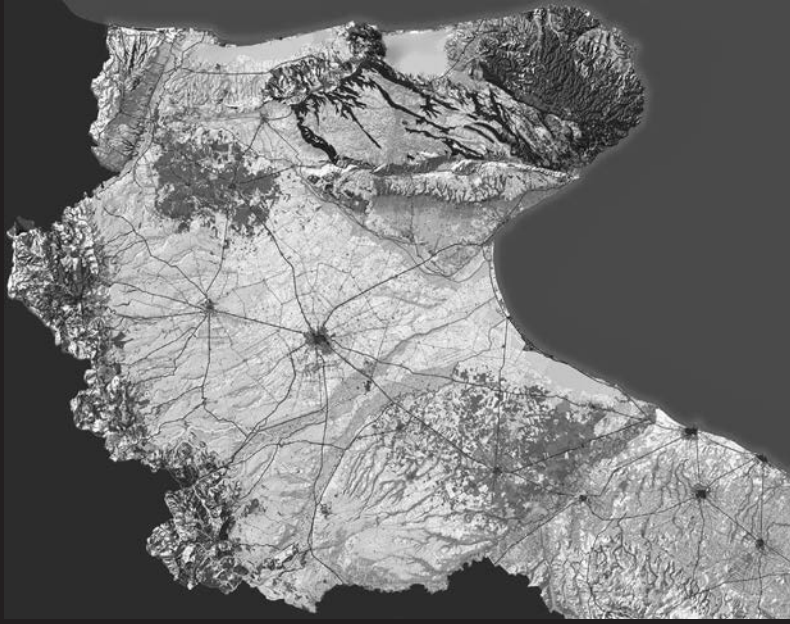


07

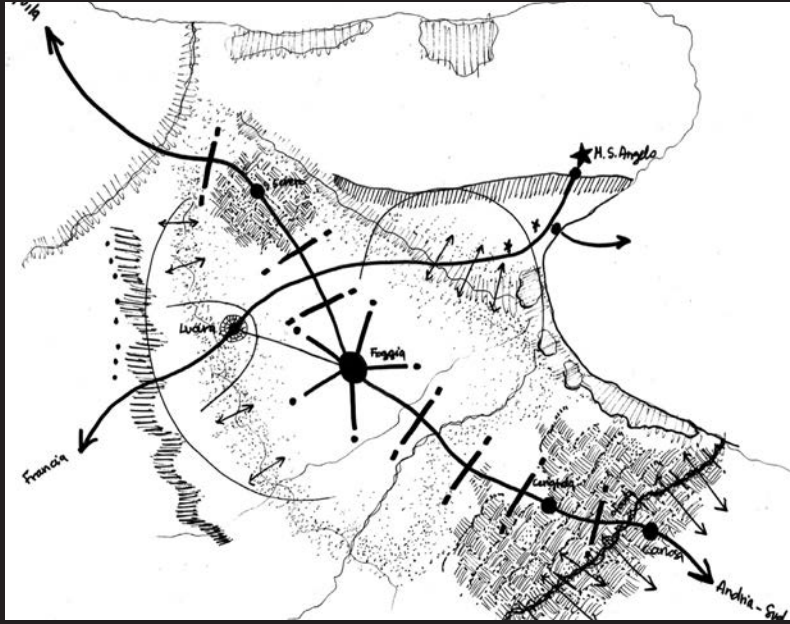


10





11



12





esad  
arte+  
design